

Trabalho Escravo na Rússia Soviética

Dr. Hermann Greife

Prefácio

O mundo hoje está relativamente bem informado sobre o destino dos trabalhadores forçados na União Soviética, mas pouco é conhecido sobre os campos de concentração onde as condições eram tão horrendas que chagam a ser quase inacreditáveis. Muitos acham difícil de acreditar que esse tipo de coisa pudesse existir em pleno século XX.

Isso explica por que as descrições do trabalho forçado na União Soviética são recebidas tão ceticamente.

As investigações apresentadas são, portanto, baseadas exclusivamente nos relatos reais da imprensa soviética controlada pelo governo e em registros governamentais oficiais. As fotografias também são tiradas de fontes soviéticas oficiais, assim provendo a possibilidade de qualquer um verificar as interpretações por si mesmo.

Queremos deixar claro que todas as ilustrações neste trabalho são reproduções verdadeiras dos originais como apareciam nas publicações soviéticas oficiais: “Canal do Mar Branco de Stalin” ou nos jornais soviéticos. Não pudemos dar ao luxo de nos incomodarmos com a má qualidade das imagens por retocá-las, pois elas refletem as verdadeiras condições existentes na URSS.

Não é nosso objetivo apresentar um relato completo e exaustivo do verdadeiro número de prisioneiros, número dos postos para morrer, distribuição dos campos de concentração etc., mas ao invés disso, mostrar a verdade crua daqueles condenados a essa vida de morte – verdadeiramente e sem exageros, como as condições realmente eram.

H. G.

Tabela de Conteúdo

Extermínio dos Bons Elementos Nacionais da Rússia Pelos Judeus_____	5
A Origem do Trabalho Forçado_____	12
O Grito de Redenção do Exilado_____	19
A Divisão dos Trabalhadores Forçados_____	21
A Construção do Canal do Mar Branco (CMB)_____	24
Bibliografia_____	39



As potestades judaicas da Rússia. A figura mostra da esquerda para a direita: *Firin* (judeu, chefe dos campos de concentração), *Jagoda* (judeu, chefe do GPU), *Kaganowitch* (judeu, braço direito e sogro do ditador Joseph Stalin) e *Kagan* (judeu, chefe de construção dos campos) durante a construção do canal Voga-Moskwa, que estava a ser construída por trabalho forçado. A imagem apareceu no jornal soviético "Wetchernaja Moskwa", 1 de outubro de 1935.

Capítulo Um: Extermínio dos Bons Elementos Nacionais da Rússia Pelos Judeus.

Em novembro de 1917, o marxismo judaico foi completamente absorvido pelos poderes da Rússia.

O próximo passo seria a expansão desse poder através da exploração das massas. Como um Estado ideal, este visou uma população servilmente devota e degenerada espiritualmente e moralmente.

Logo, no entanto, os novos regentes perceberam que este objetivo poderia ser alcançado a não ser que todos os bons elementos raciais, que jamais se contentariam com uma vida de escravidão, fossem exterminados.

Com o auxílio de uma organização terrorista estabelecida justamente para este propósito, a Tscheka (*Tsche-Ka*, comissão extraordinária), e mais tarde a GPU, eles começaram a tarefa sangrenta.

Foi relativamente fácil se livrar dos melhores e mais valorosos elementos raciais: a *intelligentsia* e a nobreza.

Certa quantia da *intelligentsia* sucumbiu durante a Segunda Guerra e outra bem maior durante a guerra civil, que culminou com a inauguração do domínio judaico. O resto ou deixou o país ou foi terrivelmente massacrado pela Tscheka.

Só um pequeno número foi permitido contribuir com seu conhecimento e experiência a serviço do novo Estado.

Mas o maior problema seria controlar todos os camponeses. O próprio Lenin a muito reconheceu que o maior obstáculo em estabelecer um Estado Escravista Comunista seria o camponês forte e saudável. Conseqüentemente o governo não teve outra alternativa, senão a *completa* destruição do camponês saudável.



O judeu Jagoda (Hershel Jehuda), Chefe da Tscheka-GPU, agora nomeado "Comissário do Interior". Todos os campos de concentração agora estariam sob sua supervisão.

Os novos governantes, no entanto, desde que chegaram ao poder, encontraram firme oposição dos camponeses, sua real direção para alcançar seu objetivo começou com o Plano de Cinco Anos (*Pjatiletka*). Foi um ato singularmente sangrento na história da humanidade.

Todos os camponeses independentes, os chamados “Kulaks”, foram despojados de suas posses e banidos de suas fazendas.

Durante esse processo de “raskulatchivanje” ou *deskulakização*, a maioria foi massacrada repentinamente. Mas o restante despojado de sua propriedade era tão grande que seria impossível destruir a todos e o governo foi obrigado a adotar outros métodos para lidar consigo.

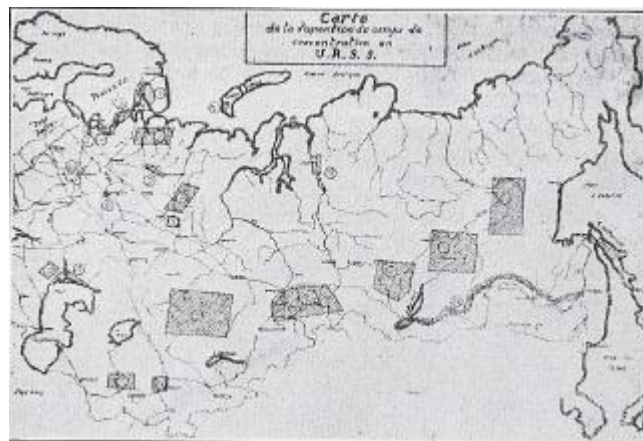
Os Kulaks foram então recolhidos de todas as áreas, postos em furgões e transferidos para áreas remotas da União Soviética. Infundavelmente, esses trens rolaram sobre as estepes e os campos cobertos de neve da Sibéria. Incontável foi o número de homens que nunca iria ver seu ponto de destino; morreram a caminho dos campos de concentração mas milhões alcançaram seus destinos de qualquer maneira.

Apesar de que esses campos já houvessem existido previamente, eles começaram a crescer em importância e novos foram criados tão rápido quanto o “material vivo” andava.

Para milhões de pessoas, campos de concentração tem sido nada senão pontos de trânsito para a eternidade. Aqui a morte de milhões não poderia ser contada como assassinato e aliás, essas vítimas da tirania Judaica sacrificadas a morte podiam ser exploradas a última gota de sangue no interesse de um “Estado Socialista” antes de ser liberto pelo misericordioso anjo da morte.

O propósito da criação destes campos de escravos é triplo:

1. O extermínio imperceptível dos “indesejáveis”.
2. Exploração do poder físico dos condenados.
3. O estabelecimento de um exemplo para a população inteira para sufocar quaisquer revoltas possíveis contra o despotismo Judaico.



O primeiro propósito é sem dúvidas o mais importante, apesar de que o valor financeiro do poder trabalhista dos trabalhadores de compulsão é de forma alguma subestimado pelo governo Soviético.

Como lenhadores, por exemplo, esses exilados produzem muita madeira barata que pode facilmente ser usada para eliminar a concorrência nos mercados do mundo; e como mãos construtoras eles criam canais, autoestradas, barragens, etc,

dos quais todos dão ampla razão aos governantes para se gabarem sobre as “maravilhosas” realizações do novo Estado Socialista.

Apesar das sempre crescentes massa de prisioneiros este “material vivo” muito frequentemente não é suficiente para preencher os “fantásticos” planos do governo, porque as pessoas morrem como resultado das horríveis condições que prevalecem nesses campos de concentração tão rapidamente quanto novo material pode ser entregue.

E assim, o governo Soviético organiza e conduz de tempos em tempos “caçadas humanas” para prover novo material. Pessoas são frequentemente presas e exiladas que mesmo nos olhos do governo não poderiam ser consideradas como “indesejáveis” em qualquer sentido.

Elas são presas, separadas de seus entes queridos e enviadas a um campo onde uma certa morte os aguarda pela simples razão que esses déspotas Judeus precisam de força de trabalho que seja mais barata mesmo do que o uso de animais.

Tais caçadas humanas, por exemplo, foram conduzidas durante o verão de 1935 em muitos distritos da União. Milhares de homens aptos de corpo desapareceram “misteriosamente”.

Naturalmente a imprensa Soviética, como uma regra, mantém-se em absoluto silêncio sobre tais acontecimentos. As vezes, no entanto, relatórios vazam. A “*Isvestija*” – um órgão oficial, reportou em sua impressão de 22 de Setembro de 1935, alguns fatos sobre as recentes caçadas humanas.

De acordo com este papel, na cidade de Tskeljabinsk, 57 pessoas foram “presas” na comunidade contra os quais absolutamente nada podia ser encontrado que justificasse a ação.



Uma visão na Sibéria. O solo está coberto com grandes rochas e pedregulhos. Por este lugar solitário e pedregoso o Canal do Mar Branco foi construído inteiramente por trabalho compulsório, o que significa que foi construído sobre sangue humano.

Esse mesmo papel dá alguns exemplos ilustrando como cidadãos da União Soviética podem ser transformados em trabalhadores compulsórios:

“A esposa de Abdul Seifulin, um trabalhador em um Kolchos (*Kollektivnoje Chosajstwo* – fazenda coletiva. B.W.) está trabalhando em uma Kolchos vizinha. Ela possui um passaporte impresso pela cidade de Tskeljabinsk e vive em um quarto em um alojamento de trabalhadores. Seifulin tem um hábito de visitar sua esposa de vez em quando. Uma noite, quando aconteceu de Seifulin estar ligando para sua esposa, veio um inspetor para checar os detentores de passaportes. (Russos precisam ter passaportes para cruzar de uma cidade para a outra. Por este método

as autoridades são capazes de manter todos fiscalizados. B.W.) Seifulin produziu seu passaporte impresso pelo Soviético de sua comunidade e um livro do Kolchos. Tudo parecia estar em devida ordem mas a milícia de Tskeljabinsk tem suas próprias conclusões. Seifulin está sendo preso e o “destacamento 4” prepara um protocolo sobre a prisão e está “mandando embora” um caráter danificador e um perigoso contra-revolucionário para um campo de concentração.”

Outro caso:

“Na mesma cidade vivem os trabalhadores Michailew. Ele trabalhou em uma fábrica desde que ela foi fundada. E ele tem um passaporte também. Sua esposa, no entanto, com a qual ele está casado a quinze anos e que criou seus quatro filhos, não consegue um passaporte. Ela tem seus papéis de legitimação no entanto, mas neles está uma observação do Chefe de um destacamento de milícia, ‘papeis O.K. mas o passaporte não pode ser fornecido pois a mulher viveu em Tskeljabinsk por menos de três anos’. Isso significa que um passaporte está para ser preparado pelas autoridades de sua antiga residência mas eles também se recusam a assim fazer sobre a base de que ela tem estado ausente por tempo demais e assim, enquanto a desavença continua, a mulher permaneceu com seu marido. Mas isso foi demais para a milícia. Durante a última parte de Julho, a Sra. Michailew foi presa. O que seguiu foi o procedimento usual: exílio-perigoso para a sociedade”

Um terceiro exemplo:

“Uma noite em Julho o chefe de um destacamento de milícia, junto com um par de subordinados, fizeram uma visita inesperada a trabalhadora, Maria Chlistunova. Um bebê foi ouvido chorar! O quarto foi revistado cuidadosamente e finalmente foi dito a mulher que ela estava presa e teria que ser ‘mandada embora’. A ela foi dito que ela saberia mais sobre isso na estação do destacamento. Junto com seu bebê, a mulher foi rapidamente afastada e presa. No dia seguinte foi explicado a ela que ela seria exilada como uma inimiga do Estado Socialista. A razão era que seu marido que, a propósito, havia deixado alguns meses atrás, havia falhado em reportar para o trabalho na fábrica uma manhã. Como um resultado, seu passaporte foi cancelado, ele mesmo demitido e sua esposa enviada para a Sibéria.” (1)



O Judeu Matwej Davidsohn Berman, um alto oficial G.P.U.



O Judeu, Jacob Davidsohn Rappoport, assistente chefe do escritóri central G.P.U. Um alto oficial G.P.U.

Esses exemplos tocantes mostraram que não apenas “generais” e “capitalistas” são perseguidos e exilados mas todo trabalhador, fazendeiro, de fato, toda a população é “jogo livre” para esses governantes Judaicos.

Em conexão com estes fatos, devo me referir a uma carta escrita por um engenheiro que retornou da União Soviética e que dá uma opinião indiscutível do problema: (2)

“Se você vai para a cadeia de Leningrado durante a hora de visita, irá se notar uma grande fila de pessoas esperando apenas para receber informação se seus parentes na cadeia estão ainda dentre os vivos. Na maioria dos casos, estas pessoas são jovens mulheres – as esposas de trabalhadores, ou mães velhas e famintas que muitas vezes esperam seis ou oito horas pacientemente, preocupadas com o destino de seus parentes.

“A informação é sempre breve e bruscamente dada pelos oficiais. A sentença na maioria dos casos exige trabalho compulsivo ou exílio. Se você for tentado a perguntar a estas pessoas preocupadas e más vestidas porque seu filho, irmão ou marido foi preso, você vai na maior parte dos casos perceber que foi um passo em falso na disciplina do Partido: a perda de filiação em alguma organização comunista local – comunicação com parentes de fora, promoção de alianças religiosas, etc.

“A investigação e audiências preliminares são longas e árduas e o prisioneiro, se bem-sucedido em oferecer um álibi perfeito, é um destroço total após sua libertação. A maioria dos prisioneiros, no entanto, são sentenciados a trabalho compulsório no eterno norte Siberiano ou aos desertos quentes e assassinos.

“No norte eles são principalmente usados nas pedreiras e para a construção de ferrovias, autoestradas e fortificações – isso é particularmente verdade na península de Kola. Além disso, eles são empregados na indústria onde eles executam trabalho valioso e barato.

“Juntamente com os fazendeiros “deskulakizados” estes ‘menores ofensores’ são um ‘material’ muito valioso e entregam seu serviço sem nenhuma remuneração na construção do estado comunista. (Isso só pode ser interpretado como trabalho escravo).

“O consumo do material vivo é muito grande e portanto deve ser constantemente reabastecido. Nenhum trabalhador irá voluntariamente a estas regiões desoladas do norte é cabe aos juízes Judeu-Bolsheviques tomar conta de um fluxo contínuo de suprimento aos campos de compulsão de Kola e Carélia do Norte...”

Os agentes confiáveis que servem o governo Soviético em um lento extermínio das vidas dos condenados são: gelo, má nutrição, doença, trabalho pesado, perseguição, etc.

Nós estamos em posse de informação muito confiável e verdadeira sobre a vida dos exilados.

Os melhores relatórios são providos por pessoas que elas mesmas foram outrora condenadas mas foram bem-sucedidas em seu esforço desesperado de escapar. Aqui segue a história de um fazendeiro Russo-Germânico, Rempel, que como testemunha ocular conta suas próprias experiências: (3)

“... um deles particularmente causou minha pena. Seu rosto estava congelado e preto – as bochechas e nariz estavam cobertos em pus e eu tive dificuldade considerável em suprimir um sentimento abominável. Apesar de seus ferimentos ele estava trabalhando no vento frio. Eu perguntei a ele porque ele não ia ser tratado no hospital. Ele olhou em horror e respondeu em voz tímida e apavorada: ‘Konzlagernyj’, (sentenciado ao campo compulsório).

“O clima árduo e trabalho extremamente duro deixaram uma marca de dar pena nos prisioneiros. Cansados e curvados eles se moviam. Uma certa medida de trabalho (*urok*, tarefa) era dada todos os dias mas era necessário trabalhar pelo menos 12 horas para ter o *urok* feito. Foi-me dito que no outono, 3.000 prisioneiros foram amontoados dentro de um dos barracos e deste número apenas setenta e cinco sobreviveram, o resto deles morreram...

Outro Russo-Germânico que também havia escapado de um campo de concentração conta sua experiência a seguir: (4)

“Eu nunca encontrei alguém que tratasse um cachorro da mesma forma que pessoas de todas as nacionalidades estão sendo tratadas em Solovky. Ser surrado desenfreadamente não é nada incomum, todos estão acostumados a isso.

“Nós trabalhamos cedo até de noite e temos que escavar todos do solo congelado – e tudo isso por um pedaço muito pequeno de pão de má qualidade. Algumas vezes nós ganhamos dois arenques de sal por dia mas somos proibidos de beber água. No inverno nós muitas vezes desabamos no frio extremo.

“*Surras*. Nós fomos arrastados até a florestas quando éramos incapazes de levantar um braço... Aos olhos daqueles diabos isso é ‘indisposição ao trabalho’ e o resultado: tratamento singular. No inverno fomos confinados pelados a casas com uma temperatura de 50-55 graus Reaumur. *No verão nós fomos despojados até a pele, amarrados em árvores e dados de presa a milhões de mosquitos...*”

É impossível dar uma estimativa correta do número real de trabalhadores compulsórios na União Soviética. Mas é um fato que milhões de pessoas desapareceram em exílio e que muitos mais milhões ainda estão sujeitas a grandes sofrimentos nos campos de concentração. (5)

Capítulo Dois: A Origem dos Trabalhadores Compulsórios

Como já destacado, o maior contingente de trabalhadores compulsórios é composto de camponeses.

Uma multidão de atos e decretos provém a base “legal” para apreensão dos fazendeiros e seu exílio. Nessa conexão o famoso “decreto de proteção da propriedade Socialista, de 7 de Agosto de 1932” deve ser citada. Seção dois deste decreto diz:

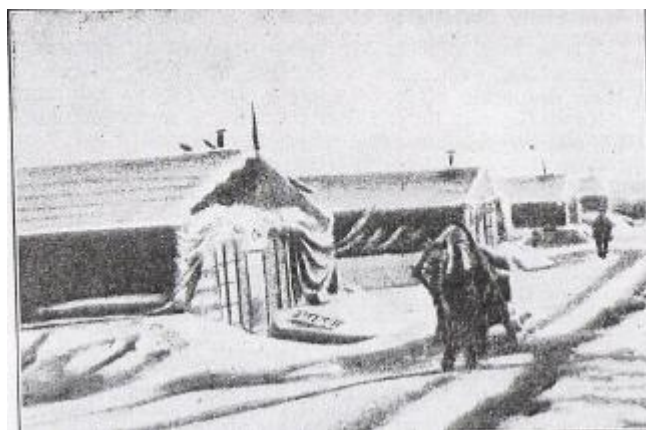
1. Todos os bens dos Kolchos e outros estabelecimentos cooperativos (as plantações nos campos, reservas de grãos em conjunto, gado e todo estoque em armazéns, etc.) são para ser considerados como propriedade do estado e o serviço de proteção a essa propriedade é para ser intensificado.

2. Em casos desta propriedade ser roubada a máxima de defesa social é para ser aplicada: fuzilamento e confisco de toda a propriedade privada ou em caso de comutação da sentença – privação de liberdade por não menos de dez anos e confisco de propriedade.

3. A pessoas sentenciadas por roubo de Kolchos ou propriedade cooperativa, anistia não pode ser concedida. (6)

Este decreto carrega a responsabilidade pelo fuzilamento de incontáveis fazendeiros inocentes e um fluxo constante de “material” para campos de concentração. Até o tempo presente, os transportes rolam infundavelmente com fazendeiros apreendidos, condenados ao exílio ou trabalho forçado.

Outro decreto com base no qual incontáveis fazendeiros (também trabalhadores) foram enviados ao exílio é a emenda das Seções 36 e 61 do código criminal de 15 de Fevereiro de 1931. (7)



Estes barracos carecem de luz apropriada e não dão proteção contra o extremo frio; ainda eles são as únicas possessões terrenas dos condenados.

Seção 2 deste tratado exige trabalho compulsório para pessoas encontradas culpadas de recusa ao trabalho. É regulação é estritamente aderida no caso de fazendeiros.

O elemento de língua Alemã compõem uma porcentagem surpreendentemente alta dos trabalhadores compulsórios e exilados. Estas pessoas ambiciosas e altamente industriais têm por aderência teimosa ao seu solo, aguentar o peso do ódio do governo Soviético. Relatórios transbordam diariamente da apreensão e transferência para campos de fazendeiros Alemães. (Alemães na Rússia estão

sofrendo de maneira especial nas mãos dos governantes Judeus porque a Alemanha resolveu com sucesso o problema comunista em casa. B.W.) O relatório a seguir irá substanciar isso:

“Com persistência inigualada o povo de língua Alemã de Aserbeidshan está sendo perseguido, e as centenas ‘expulso’ para a Sibéria. O mesmo foi relatado do distrito de Batum onde mais de mil famílias Alemãs haviam fugido durante 1932-33 e ao trabalhar em pomares e plantações de chá foram capazes de levar uma subexistência. Algum tempo atrás todos os homens foram presos e confinados a campos de concentração onde eles são transferidos diariamente em caminhões para seus diferentes lugares de trabalho. As mulheres e crianças também tem que trabalhar várias horas por dia nas plantações.”

É relatado adicionalmente que do distrito de Odessa cem prisioneiros Alemães foram trazidos a esse campo e postos em trabalho compulsório.

Em prosseguimento desta ação terrorista, um procedimento da corte foi promulgada contra a administração da famosa companhia “Concórdia” – um sindicato de todas as vinícolas Alemãs de Helendorf na região Caucásiana. Dezesete membros foram sentenciados a dez anos de trabalho compulsório e transferidos para a Sibéria.

Numerosos relatórios mostram que o terror contra o elemento Alemão na Rússia está sendo levado com veemência implacável.

Através do “Estudo dos Alemães Vindo da URSS para Casa” fomos informados que de novo vinte e sete colonos Alemães e suas famílias de Wolhynia (na fronteira Polonesa. B.W.) foram exilados para os pântanos da Carelia:

“Estas famílias estão em grande aflição pois foram negadas o direito de trazer junto quaisquer necessidades.”

Os membros destas famílias peculiares foram separados. As mulheres e crianças foram abrigadas em barracos imundos enquanto os homens foram feitos trabalhar em lugares remotos em uma distância de cem quilômetros. A ração de pão foi encurtada a um mínimo. Toda pessoa trabalhando independente de sexo recebia uma ração diária de cerca de um peso de pão negro.

Para os habitantes velhos, infirmes e doentes a ração é ainda menor. (Os Judeus assim mantém a população tão fraca e desamparada que uma contrarrevolução é impossível. B.W.)

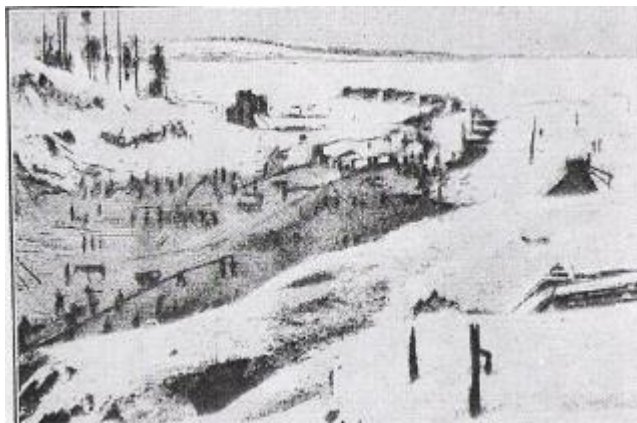
Frio, umidade, sujeira e fome dão uma mão amiga ao governo Soviético e o número de vítimas cresce diariamente. O número de mortos é especialmente grande entre as crianças. Inimaginável é o número de exilados que, nas centenas de campos na Carelia, Sibéria, Extremo Oriente e onde quer que estejam, são miseravelmente destruídos.

A corte Soviética de Novograd-Wolinsk aprovou a sentença de morte da professora de escola Alemã. Margarethe Gruenke, a esposa de um antigo diretor da escola Alemã de Krasno-retchensk, Hugo Gruenke. A sentença de Frau Gruenke resultou da acusação de um esquema contrarrevolucionário de seus colegas.

Através de uma fonte privada mas absolutamente confiável nós somos informados de que todo o vilarejo Ak-Metched em Chiva, composto de 316 membros, foi exilado em 30 de Abril de 1935. Os habitantes de Ak-Metched foram transferidos para Fergana, Tadshikistão, para realizar trabalho compulsório em um vale sem água do Hindukush. (8)

Relatórios similares aparecem na imprensa estrangeira. “Gazette de Lausanne”, de acordo com fonte confiável, diz que dentre os exílios de trabalho

compulsório do governo Soviético, há centenas de milhares de cidadãos de origem Polonesa e Alemã.



No deserto de neve do eterno norte, centenas de milhares De prisioneiros estão trabalhando na construção do Canal do Mar Branco. Aqui nós vemos o terminal do Canal.

Estas pessoas são transferidas para a Sibéria e ao extremo norte. Por vezes vilarejos inteiros são tomados de surpresa a noite e levados em exílio independentemente de conexões familiares. Da cidade de Leningrado apenas, de acordo com o mesmo papel, aproximadamente 20.000 famílias foram enviadas ao exílio durante um período de Janeiro até o fim de Março de 1935.

E esta ação da parte dos oficiais, não é de forma nenhuma uma forma de punição contra rebeldes e contrarrevolucionários, mas sim uma medida política sistemática. (9)



Exilados durante a construção do Canal do Mar Branco. Este pedaço da terra foi literalmente coberto com cadáveres antes do Canal ser completo.

Além do contingente de língua Alemã, os habitantes dos campos de concentração são compostos de muitas outras nacionalidades: das estepes férteis da Ucrânia, das florestas do norte na Carélia, Krasnowodsk, Stalina, Samarkind, Katta-Kurgan e Taschkent vem os Turcos, Tartares, Ucrânicos, Finlandeses, Tekinzes, Armênios, Usbecks e representantes de várias outras nacionalidades.

Como um exemplo nós citamos relatórios dos Finlandeses exilados. Essa informação foi disponibilizada pelo "Comitê de Ingermannland":

“De 1929 a 1931 cerca de 4.320 famílias Finlandesas (aproximadamente 18.000 pessoas) foram levadas de suas casas e transferidas para lugares remotos da União Soviética.

“Após uma frouxidão considerada que foi percebida durante os próximos dois anos o governo Soviético consideravelmente aumentou sua ação contra a população Finlandesa em Ingermannland desde o início da primavera deste ano (1935, B.W.) Durante os meses de Abril e Maio de 1935, de acordo com informação confiável 2,500 a 2,600 famílias Finlandesas foram transferidas principalmente ao Turkistão.

“Para camuflar o ato injustificável, estes fazendeiros tiveram que assinar uma declaração que sua transferência estava sendo executada por sua própria decisão e desejo. Quem quer que se recusasse a assinar era enviado a um campo na Sibéria.”

Uma testemunha que escapou de Ingermannland para a Finlândia diz o seguinte:

“Em torno da metade de Abril de 1935 da ferrovia “Elizavetina” (entre Narva e Gatchina) dois trens carregados de prisioneiros foram despachados. Ambos os trens estavam carregados acima da capacidade e locomotivas de emergência tiveram que ser supridas. Os prisioneiros eram em maioria fazendeiros Finlandeses com alguns Estonianos dentre eles. É dito que quase todos os camponeses Estonianos do oeste de Ingermannland estão sendo transferidos para a Ásia Central.

“Ao mesmo tempo dois trens deixaram a estação de Gatchina. Para prevenir os parentes e amigos de dar um adeus aos condenados, todas as entradas dos carros foram mantidas bem fechadas e sob observação.” (10)

“Um Carélio que escapou, Jefim Popoff, que era interno no vilarejo Saamajarvi, relata que de Petroskoi 1.250 homens parcialmente com famílias foram removidos. No tempo de seu escape 400 Carélios foram mantidos sob vigilância na igreja e duas outras construções. Os prisioneiros estavam para ir a Ásia Central.” (11)

Nas fileiras dos exilados estão os representantes da antiga classe dominante da qual os números, no entanto, estão constantemente diminuindo. “Nós ainda temos em nossos campos condes, estadistas, duquesas, damas da corte, etc.” – se gaba o camarada Judeu Matwey Davidsohn Berman, Chefe do campo de administração da G.P.U. (12)

O maior contingente destes “escola antigas” da Rússia antiga foram exilados em prosseguimento da nova regulação a respeito dos passaportes de 27 de Dezembro de 1932, de acordo com a qual apenas detentores de passaporte eram permitidos de permanecer nas cidades. Naturalmente estes “indesejáveis” foram recusados passaportes e, portanto, poderiam ser facilmente eliminados das cidades. Praticamente todos eles enviados a Sibéria. (13)

Aqui nós temos que mencionar o clero em particular. É geralmente sabido que o clero de toda denominação (exceto da “Confissão” Judaica) é sujeito de ódio selvagem dos déspotas Judeus. Uma grande parte dos padres foram “fisicamente destruídos”, o resto exilado. Hoje muitos poucos estão foragidos. *Passaportes são negados aqueles que professam religião.*

A Comissão-Pro-Deo Internacional de Gênova publicou alguns fatos a respeito do destino do clero evangélico:

“A Igreja Evangélica na União Soviética está quase completamente erradicada. De 85 ministros 47 foram exilados aos campos de concentração na Sibéria e ao Canal do Mar Branco. Dois ministros Alemães foram recentemente sentenciados a morte. Dos 38 ministros restantes só pode ser dito que seu destino é desconhecido pois apenas 18 estão realizando seu dever – o resto está proibido de executar quaisquer funções de ministro.



O Judeu, Simon Firin, Chefe do Campo de Concentração do S.W.C., um alto oficial G.P.U.

“Eles estão em perigo constante e é uma questão de meros meses até que os últimos pilares da Igreja Evangélica sejam destruídos ou enviados aos campos de concentração. As igrejas estão ou demolidas ou convertidas em lugares de prazeres e imoralidade.” (14)

Muitos numerosos também são os exilados que por “ofensa contra a disciplina do trabalho” foram sentenciados.

Um decreto, por exemplo, suplemento do código criminal da R.S.F.S.R., Seção 59, 3 B de 15 de Fevereiro de 1931, prevê privação de liberdade de até dez anos e eventualmente fuzilamento por qualquer ofensa disciplinar para trabalhadores de ferrovias. (15)

Este decreto da R.S.F.R.S. foi liberado em observação do decreto do ZIK (Comitê Executivo Central, B.W.) e S.N.K. (Conselhos dos Comissários do Povo, B.W.) da URSS , 23 de Janeiro de 1931.

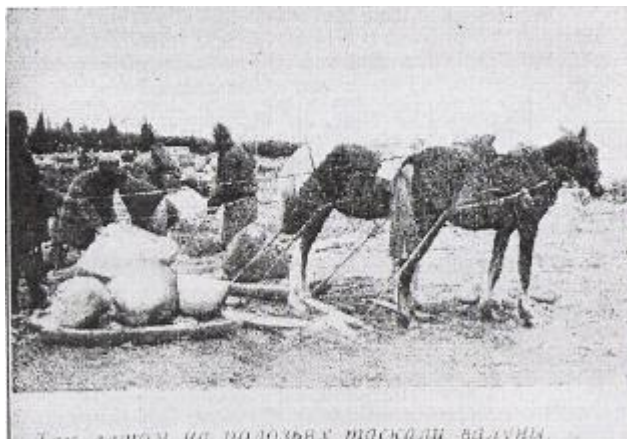


O Judeu, Lazarus Josephson Kagan (Kohn ou Cohen) Chefe de construção no S.W.C., um alto oficial G.P.U.

A transferência de crianças aos campos de concentração é um ato particularmente desumano do governo Soviético. De vez em quando a imprensa Soviética anuncia algumas novas medidas para a “liquidação do desabrigo das crianças”.

O mundo então ouve que as crianças estão sendo colocadas em “casas” confortáveis, escolas, etc. Mas na verdade o governo tem maneiras diferentes; o

melhor remédio para liquidar o “desabrigo” é enviar as crianças aos campos de concentração.



Esta imagem mostra a ausência completa de equipamento técnico. Grandes pedregulhos são transportados por antigos meios primitivos como podemos ver nesta imagem. Este é o trabalho em um campo de concentração.

De acordo com relatórios de testemunhas oculares confiáveis tem acontecido repetidamente de trens estarem carregados de crianças e despachados, mas após a chegada aos pontos de destino as pobres vítimas foram encontradas mortas. Doença, frio e fome provaram ser um remédio muito grande!

A imprensa Soviética, é claro, é silenciosa sobre estas liquidações. Muito raramente, ela corrobora os relatórios e é, portanto, de grande importância documentária quando o órgão oficial do partido Comunista “*Pravda*” (verdade?) anuncia que 2.000 crianças desabrigadas foram exiladas em Nadweisk e confinadas em um campo G.P.U. (16)

O serviço de notícias da URSS também relata sobre a transferência de crianças aos campos:

“Uma mulher que escapou da Carélia reportou que cerca de 60 quilômetros ao norte de Karhumaki, existe um ‘campo para os desabrigados’”.

Estes campos constituem horror para a população Carélia pois eles acomodam os “Besprisornyeh” – crianças desabrigadas dos camponeses exilados. Aproximadamente 4.000 crianças de todas as partes da União Soviética estão aqui espremidas juntas.

Não há escolas ou oficinas. Um grande número perece anualmente de fome, doença e destituição. Muitas vezes as crianças tentam escapar destes lugares de horror mas eles ou perecem nos pântanos ou são fuzilados pela milícia. (17)

Famoso neste respeito está o assim chamado “Bolshevskaja Communa” que é um campo G.P.U. especialmente para menores. (18)

A seguir está um exemplo da “liquidação de crianças desabrigadas” como reportado pela publicação oficial Soviética “*Ivestija*”:

“Três garotas sujas desabrigadas (Besprisorny) entraram no departamento local de educação e timidamente pediram por trabalho. ‘Ora, ora! Vocês gostariam de trabalhar em uma fábrica, é? Com certeza parecem que sim!’ Uma risada alta seguiu este comentário do diretor do departamento. ‘Eu vou certamente acomodar vocês – vocês vão esperar no lobby?’ As garotas saíram e então o diretor chamou o departamento da milícia: ‘Vocês vão despachar alguém para lhe dar com alguns menores criminosos?’ Meia hora depois dois homens da milícia levaram as três

garotas: Sonja Sewastichina, Tamara Michajlewa e Nadeshda Galina. Na estação da milícia um protocolo foi habilmente preparado. E assim as três garotas de 13 anos de idade não são aquelas que pediram por trabalho no departamento da educação mas três contrarrevolucionários e criminosos perigosos do estado.” (19)

E o que acontece a criminosos do estado é sabido muito bem; eles são ou fuzilados ou “mandados embora”.

E então há os elementos criminosos: ladrões, assassinos, e prostitutas. A acumulação de escória humana contribui para a miséria e tormento das pessoas boas e decentes que estão exiladas.

Capítulo Três: O Grito por Redenção dos Exilados

O G.P.U está ansiosamente preocupado em ter os campos de concentração tão hermeticamente isolados do mundo que nenhum informe pode vaziar sobre as condições terríveis que existem lá.

Apesar das precauções dos líderes Judeus, muitos prisioneiros foram bem-sucedidos em enviar cartas aos seus parentes de maneiras secretas. É bem fácil entender que os escritores destas cartas se restringem a apenas algumas palavras sobre sua necessidade de apoio.

As cartas são geralmente curtas e nunca contém muitos detalhes sobre as condições internas dos campos. No entanto, existem documentos valiosos e pode-se facilmente sentir o que está escondido por trás das sentenças curtas. (É humanamente impossível para as autoridades Judaicas censurar todas as cartas enviadas para fora do país. B.W.)

Aqui seguem algumas cartas de camponeses exilados. Elas são cópias verdadeiras das originais que estão em nossa possessão (completas em envoleopes). (20)

“Querido irmão: Se possível por bondade nos ajude pois é muito difícil de viver aqui. Nós somos cinco na família sem um pai e apenas um trabalhando – é difícil demais para nós. Nós estamos agora a cinco anos na floresta e somos muito pobres, isso é demais para uma viúva com filhos, então eu imploro por favor não recuse a ajudar, eu lhe agradecerei de coração. Querido irmão, nós estamos em grande angústia e não sabemos o que fazer – nós estamos quase pelados por busca de roupas e portanto por favor nos dê a sua ajuda, não recuse querido irmão. Obrigado...”

“Querido amigo: Eu, um fazendeiro Alemão, gostaria de uma mensagem. Muitos aqui já receberam ajuda por estarem famintos então eu também, imploro por sua assistência. Eu estou com minha esposa e filhos no exílio e se possível por favor nos envie um presente caridoso – pelo menos uma resposta e seu endereço. Nós somos seis juntos em nosso sofrimento...”



O Judeu, Grigorij Davidsohn Afanasjew, Engenheiro Chefe dos Campos de Concentração, um alto oficial G.P.U.

“Querida irmã: Eu venho com um grande pedido a você e imploro se possível por sua ajuda pois eu estou em angústia. Eu vivo muito pobre pois estou exilado e

você sabe porque, então por favor não se recuse a ajudar. Eu imploro de coração a não recusar meu pedido.”

“Querido amigo: Como uma Russo-Germânica, eu venho de novo a você com pedido de ajuda. Possivelmente você poderia me ajudar em minha angústia. Estou com meus filhos exilado por seis anos. Três deles estão em idade de escola, meu marido e um filho crescido morreram aqui na floresta. Nossa posição é muito grave então por favor tenha piedade e respeite nosso pedido.”

“Querida irmã: Nós somos forçados a vir a você por seu suporte pois as condições são tão más que é impossível viver. Nós estamos em um campo de concentração e temos muito pouco para comer. Nós não podemos comprar nada e não temos dinheiro, por favor nos aconselhe se puder ajudar – nós somos Batistas – três pessoas...”

“Querido amigo: Se possível seja bom e tome conta de mim pois nós estamos exilados e em tristeza. Minha mãe está com frio e doente (ela tem estado doente por nove meses), eu não posso trabalhar e estou sem um pai. Apenas minha irmã está trabalhando e ela sofreu um acidente no lessosagotowka (madeira, B.W.); uma árvore caiu nela e ela quase morreu. Eu tenho outra irmã doente, de seis anos de idade. É muito difícil de nos virarmos sem o pai então por favor não nos recuse ajuda. Nós somos enviados para cá apenas para viver em angústia. Por favor envie ajuda. Obrigado.”

“Querido amigo: Nós estamos em necessidade e forçados a contar com você por sua ajuda e suporte. Quando fomos trazidos aqui, nós não pudemos trazer nada junto, nem mesmo nossa última vaca. Nós estamos em um acampamento em uma floresta. Nós somos Batistas, um grupo de sete – eu sou um inválido e não posso trabalhar, por favor diga se pudermos ser ajudados pois sem ajuda estamos condenados. Com saudações e um pedido de coração...”



**O Judeu, Naftalij Aronsohn Frenkel,
Chefe de Trabalhos nos campos, um
alto oficial G.P.U.**

Capítulo Quatro: A Divisão dos Trabalhadores Compulsórios

Os trabalhadores compulsórios são divididos em duas categorias:

1. Administrativos exilados e
2. Aqueles sentenciados a trabalho duro em campos de concentração.

No curso administrativo, geralmente famílias inteiras (maioria camponesa) são transferidas ao exílio.

Eles são confinados em barracos nas regiões nortes e são compelidos a trabalhar se não quiserem morrerem de fome. Esse trabalho não é compulsório e eles são livres para circular apesar de que tenham que se registrar em certas datas no escritório G.P.U. O benefício desta liberdade relativa, no entanto, é muito limitado pois a remuneração por seu trabalho é diminuída a um mínimo e é necessário para eles trabalharem duro para sobreviver.

Como uma casta peculiar eles contrastam fortemente com a população local das comunidades dentro das quais eles estão exilados.

Muito pior são os muitos habitantes dos campos de concentração que, ao contrário dos grupos de exilados administrativos, vivem sob constante observação e são vigiados de perto.

Como já dito, os exilados são membros de diferentes negócios, classes e nacionalidades. Nos campos eles todos dividem o mesmo destino: trabalho duro, angústia indescritível e morte, como redenção para sofrimentos incessantes.

Neste grupo aparentemente homogêneo, os Bolcheviques trouxeram uma classificação inteiramente nova. Perseguindo seu slogan “divida e conquiste”, eles elevam das massas dos exilados, certos grupos para a posição de guardiões sobre seus companheiros sofredores.



Os exilados são sempre bem vigiados. A

figura mostra um guarda no dever – pronto para ação.

O título Russo abaixo da figura é de certa forma humorístico:

“A arma é mantida nessa posição não para assustar, mas para conveniência.”

Pois estes guardiões são recompensados com tratamento mais gentil e melhor manutenção. Estas classificações são conseguidas com tanta habilidade que os Bolcheviques são aptos a manter um serviço rígido de vigia com um número comparativamente pequeno de homens G.P.U. estacionados em cada lugar. Destes selecionados (em maioria criminosos) tropas regulares são formadas, designados para guardiões dos exilados e são até mesmo supridos com armas. Estas tropas – wochrowsky ou W.O.C.H.R. (guardas armados, B.W.) em referência a sua posição judicial e material, tem um direito diferente daquele dos outros exilados.

Apesar de que ainda são considerados prisioneiros e não tenham liberdade para sair dos campos, eles, como guardiões são naturalmente livres para circular. Eles são acomodados em campos separados quando tais estão disponíveis e se vestem em uniformes militares. Suas rações de comida são maiores e contém tabaco, a ração de um homem do exército Vermelho. (21)

A estes confiáveis (isto é, guardas criminosos!) as vezes são dados tais postos como supervisores e administradores. Eles são, por exemplo, apontados para tais posições como superintendentes de armazém, transporte, capatazes, chefes, etc. Eles todos gozam de uma manutenção preferencial mas com a menor transgressão, tem que pagar com suas vidas.

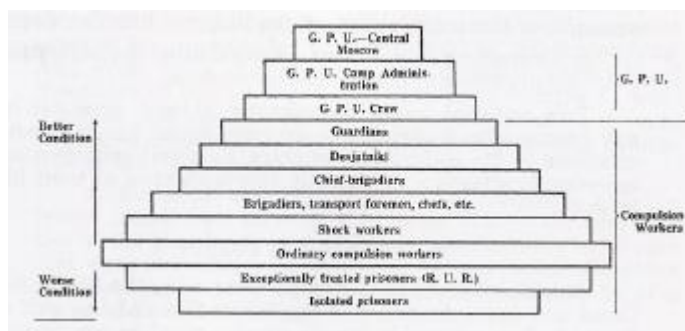
Estas divisões também são usadas entre os trabalhadores ordinários. Os exilados em maioria trabalham em brigadas de 25 a 30 homens. Cada brigada é liderada por um brigadeiro que naturalmente tem que trabalhar também. Durante a construção do Canal do Mar Branco duas ou três brigadas foram lideradas por um “brigadeiro chefe” (starshij brigadir). Para o treinamento destes brigadeiros escolas especiais foram estabelecidas.

Os brigadeiros chefes também gozam de uma preferência considerável. Camarada Jagoda, ele mesmo, exigiu em uma ordem que lhes fossem dado tratamento extraordinário. Durante a construção do S.W.C. estes brigadeiros chefes receberam em adição a roupa melhor, de 30 a 60 rublos (15 a 30 dólares em uma base pré-guerra) de remuneração mensal. (22)

Uma excepcionalmente grande influência no destino dos prisioneiros é possuída pelos “Desjatniki” (um derivado de djessatj” – dez, significando um supervisor sobre dez prisioneiros. B.W.) Estes “desjatniki” são confiados com a distribuição dos “uroks” (significando uma certa quantidade de trabalho, ou tarefa. B.W.) e avaliação do trabalho feito.

Como um induzimento especial para maior eficiência dos trabalhadores, os brigadeiros e desjatniki recebem prêmios extras. (23)

A divisão dos trabalhadores de administração e compulsórios (exceto o pessoal de engenharia) é evidente no esquema a seguir:



Capítulo Cinco: A Construção do Canal do Mar Branco de Stalin

As condições existentes nos campos de concentração da União Soviética serão agora ilustradas por meio de um exemplo, da construção do Canal do Mar Branco de Stalin.

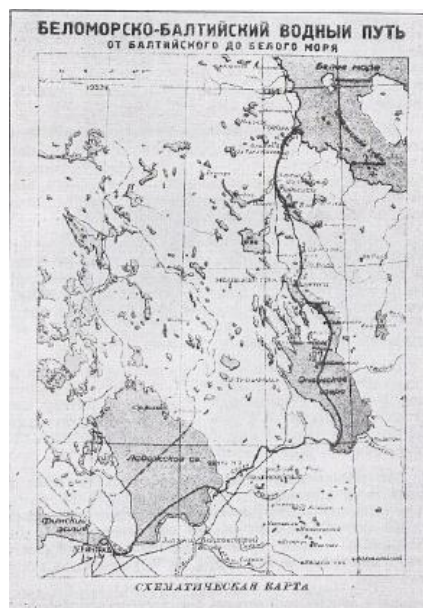
Ao ilustrar este projeto, eu me limitei inteiramente a digestão dos registros oficiais Soviéticos.

Este material, que é desconhecido pelo mundo, não dá por meio algum uma conta conclusiva sobre a existência miserável dos trabalhadores compulsórios. Em um digestão crítica, no entanto, ele permite uma visão cuidadosa de suas vidas no exílio.

O Projeto da Construção

Como é evidente no mapa acompanhando, o Canal do Mar Branco é uma linha de conexão entre o Mar Branco e o Golfo da Finlândia. Uma considerável extensão do canal é constituída por caminhos aquáticos naturais incluindo tais rios como o Neva, Ladoga, Swyr, Onega, Wyg, etc.

A tarefa principal foi a construção da ligação entre o Mar Branco e o Mar Onega que fica entre as latitudes 62 e 63. O clima nesta região é excepcionalmente severo, os invernos são longos e frios. As noites são claras e uma cobertura de neve pesada cobre a terra durante longos invernos.



**As hidrovias entre o Mar Branco e o Golfo da Finlândia.
Na região entre as latitudes 62 e 65, o Canal do Mar Branco
foi construído por trabalho compulsório.**

Geologicamente falando ela é marinha; uma multidão de lagos maiores e menores estão espalhados pelo território e rochas gigantes e pedregulhos praticamente cobrem toda a superfície. A camada subjacente é composta de substância extremamente dura. Muitas cachoeiras e represas naturais travam o tráfego nestes lagos.

Grandes cidades são inexistentes e distâncias imensas ficam entre os poucos vilarejos estéreis.

Através dessa região inóspita, o governo Soviético decidiu construir o canal. Em 18 de Fevereiro de 1931, um plano conclusivo para o canal futuro foi desenhado.

A respeito destas condições naturais a execução do projeto encontrou muitas dificuldades. A extensão inteira do canal era de aproximadamente 227 km; 19 eclusas, 15 represas, 12 drenagens tiveram que ser construídas e grandes áreas de terra tiveram que ser deslocadas.

Um decreto do “Sownarkom” (Conselho dos Comissionários do Povo, B.W.) de 2 de Agosto de 1933 argumentou que a construção do canal havia sido feita sob “condições geológicas e hidrológicas extraordinariamente difíceis.” (24)

Seria apenas natural supor que o governo Soviético estenderia toda ajuda técnica disponível a sua disposição para levar a cabo projeto tão tremendo. Mas os governantes Bolcheviques tinham um plano diferente. Todos os meios técnicos e financeiros foram preservados e empregados para propósitos de publicidade para construir grandes ideias sobre a Rússia na mente do mundo exterior.



Oficiais G.P.U. Judeus. Berman e Firin, enquanto supervisionando o trabalho. Note a expressão em suas faces.

Nunca um turista estrangeiro seria curioso o suficiente para entrar nesse eternamente inóspito norte, e a força de trabalho suprida por camponeses apreendidos podia ser tida de graça. E mesmo sobre os aspectos que possivelmente centenas de milhares de vidas humanas teriam que ser sacrificadas – isso não importava – ao contrário, iria apenas contribuir para alcançar o objetivo avidamente visado – a liquidação dos “inimigos de classe”.

Um decreto do STO (Conselho de Transporte e Defesa) impresso em 18 de Fevereiro de 1931, disse que na construção do canal apenas materiais e suprimentos que estavam disponíveis em grandes quantidades e inúteis para outros propósitos deveriam ser usados. Além disso, a construção devia ser de uma qualidade simples e barata. (25)

Apesar destas restrições, o estabelecimento de um “recorde” que iria maravilhar o mundo foi exigido: *O canal deveria ser completo em 20 meses!*

Evidentemente os três fatores seguintes contribuíram largamente para as dificuldades que foram encontradas na construção:

1. As condições naturais desfavoráveis.
2. Insuficiência de material e suprimento.
3. Um tempo extraordinariamente curto.

A concorrência destes fatores apenas teria sido amplamente suficiente para refletir, da forma mais danosa, na vida dos prisioneiros mas nós veremos que os Tshekists não se restringiram de aplicar muitos outros métodos para mandar estes desafortunados para o além.

A Administração

A execução deste empreendimento foi dada ao G.P.U. e apontado ao cargo de administrador chefe, o então presidente assistente da G.P.U. o Camarada Judeu Jagoda. (26)

A administração G.P.U. do empreendimento era composta de 37 membros. Os mais importantes incluindo Jagoda eram:

Matwej Davidsohn Berman, chefe da administração do campo da G.P.U.

Lazarus Josephsohn Kagan (Cohn), chefe das construções.

Simon Grigoretvitch Firin, chefe do Campo S.W.C.

Jacob Davidsohn Rappoport, assistente de Kagan e Berman.

Naftalij Aronsohn Frenkel, chefe do trabalho (superintendente).

Grigorij Davidsohn Afanasjew, engenheiro chefe.

Samuel Kwazenskij, instrutor político.

Abraham Isaaksohn Rottenberg, chefe dos isoladores penais e líder de seção ateísta.

Ginsburg, físico do campo.

Brodsky, comandante dos guardas.

Berensohn, Dorfman, Kagner, Augert – diretores do departamento de finança da G.P.U. (eles eram todos judeus, B.W.)



Oficial G.P.U. Abraham Isaaksohn Rottenberg. Líder Chefe da Ação Ateísta.



Inscrição em uma parede do barraco: "A Administração do G.P.U. viverá".

As Condições de Vida

De todas as partes da imensa União Soviética pessoas foram apreendidas e transferidas a área do futuro canal. Uma ligação no transporte de prisioneiros era o ramo ferroviário de Swanka-Medweshjagora, Soroka.

Após sua chegada, os prisioneiros tinham que marchar sobre estradas parcialmente impassáveis até seu destino. Aqui eles tiveram que cavar covas,

erguer tendas ou construir barracos, onde foram forçados a viver em isolamento absoluto do mundo.

Ao redor das grandes fogueiras, tendas foram erguidas e então cabanas, conforme as tendas foram enchidas. Transporte após transporte chegava. (29)

Era terrivelmente frio lá; e mais frio para aqueles que vinham do sul ensolarado – eles largavam o transporte tremendo, trapos amarrados em volta de suas bocas e cobertores justos em volta de seus corpos – e gelo. (30)

Então há aqueles que tinham que dormir com as estrelas brilhando em suas faces – as tendas estão lotadas e os barracos ainda não construídos. Não são feitas provisões para cozinhar ou preparar a distribuição de rações; a comida tem que ser consumida em seu estado bruto. (31)

Mas é frio nos barracos também. Ao redor dos aquecedores, em pranchas que ficam em cima de caixas, deitam-se as pessoas em seus agasalhos e sobretudos. As fendas entre as toras são preenchidas com jornais. (32)

O gelo severo faz o gesso rachar e estourar com um estalo. (33)

O sofrimento sob este frio terrível que os prisioneiros não tem senão um sonho; dormir nos túneis das barragens de concreto onde por processos químicos um pequeno calor é feito possível.

As rações de comida são tão escassas que os prisioneiros fisicamente mais fortes muitas vezes roubam seus co-sofredores mais fracos. A distribuição de comida é sempre acompanhada de brigas, blasfêmias e tentativas de pegar um pedaço precioso do companheiro. (Assim, os Judeus reduzem seus escravos Gentios ao nível de animais. B.W.)

A unidade de cozinha nº 2 é estacionada em um barraco de verão. Pelas frestas um vento amargamente frio passa sobre a cozinha e uma fumaça grossa preenche o ar durante a preparação de refeições. O pão também é guardado em um barraco de verão e sempre congelado.

Apesar de que garrafas térmicas estão a disposição elas nunca são usadas e a comida alcança os homens em estado frio. A constante secagem de roupas e botas de feltro sobre os aquecedores nos campos, causam o ar a se tornar venenoso. (34)

A mortalidade no campo é enorme a respeito de doenças. Os prisioneiros são tão sujos que casas de abate regulares tinham que ser equipadas dia após dia no frio amargo, sentar freiras aprisionadas de vários antigos conventos Russos e com a ajuda de minúsculas varas de metal, destruir os piolhos e lêndeas na roupa dos prisioneiros. Estes piolhos do Mar Branco são objeto de muitas lendas. (35)

O Trabalho

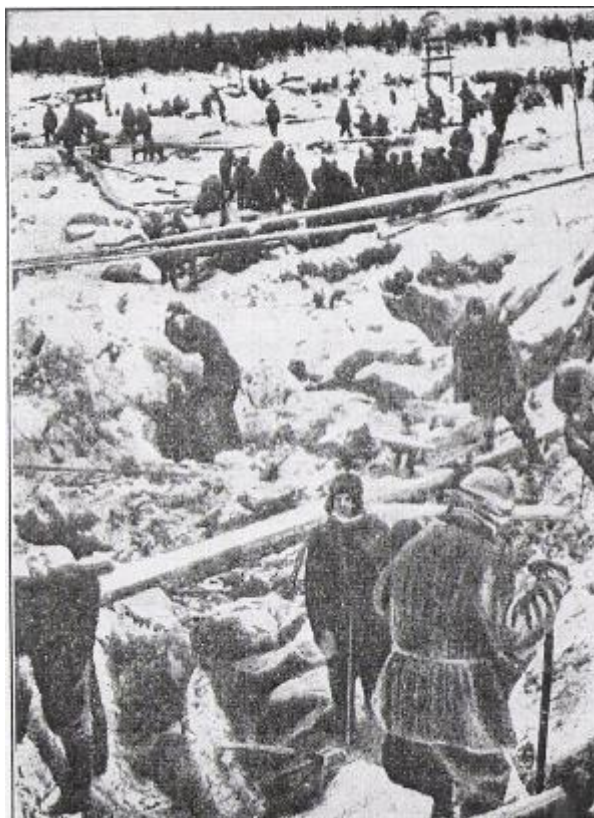
Agora os prisioneiros são divididos em brigadas de 25 a 30 homens. Dez brigadas constituem uma falange, que é de 250 a 300 homens. A cada falange é dada uma seção onde cada brigada tem que realizar uma tarefa peculiar: cavar, jateamento, devastamento, etc.

Então a cada trabalhador é dado um “urok” para o dia e é requerido a completá-lo no tempo permitido. Na pedreira, por exemplo, o “urok” é um largo bloco de pedra que ele tem que cortar, quebrar e então carregar no carrinho de mão e transferir para uma boa distância.

Para um homem mau nutrido e pobremente vestido que tem que andar uma longa distância para e do trabalho, essa é uma performance que está muito próximo da barreira do impossível. E então o equipamento: uma picareta, um carrinho de

mão, e pranchas para formar as estradas do carrinho de mão – isso é tudo. Um prisioneiro relata:

“Todo mundo tem que quebrar e transportar pedras. Nós, como novatos, tínhamos que fazer metade de um “*urok*”. Mas mesmo com o melhor dos esforços nós não podíamos dominar o trabalho. Meu coração tremia. Uma inundação de abuso e suor seguia.” (36)



A construção do Canal do Mar Branco. Picaretas, carrinhos de mão e pranchas – estes representam todo o equipamento “técnico” dos trabalhadores compulsórios. A figura mostra que o substrato é composto puramente de pedra. A completa falta de máquinas e suprimentos técnicos apenas já fazia a vida dos prisioneiros um inferno.

Mas estes “padrões” estabelecidos não eram sempre aderidos – como tudo eles eram sujeitos a mudanças.

Muitas vezes o G.P.U. Central em Moscou ordenava um *rush* e como resultado os padrões eram levantados de acordo.

Isso usualmente culminava no “consumo” de milhares de vidas extras. Nestes casos, o requerimento dos trabalhadores compulsórios era levantado de 150 a 200% por cento acima de sua performance.(37)

E não era fácil de fazer um “*urok*” normal... “O solo congelado não sedia. O ‘*urok*’ era tão grande que muitos pensaram que nunca conseguiriam dar conta. O sol de meia noite – neve azul, e neve e neve... montanhas de neve tem que ser tiradas pra fora do buraco. Muitos homens desembarcaram no isolador – tendo caído de exposição.” (38)

Outro prisioneiro se lembra do seu primeiro dia de trabalho: “Eu vi montanhas de neve, poeira, gelo, fragmentos quebrados e uma confusão de placas e pranchas. Nos foram dadas as ferramentas e começamos a trabalhar. Eu admito livremente que não havia esperanças. Só de ver toda a neve infindável cobrindo a terra nos

desencorajava e parecia uma impossibilidade de progredir de qualquer maneira. Os carrinhos tombavam e as pessoas caíam de cabeça na neve.” (39)

A figura típica do trabalho em progresso é resumida no seguinte: “Uma cavidade suja e coberta de neve é preenchida com homens e pedregulhos. As pessoas andam em volta tropeçando e caindo. Dois ou três prisioneiros se inclinam para erguer uma grande pedra – mas ela não se movia – eles a deixam e tentam uma menor. Nas pranchas molhadas e vagamente montadas os carrinhos escorregam e tombam. Suando... e novamente começa o enchimento do carrinho.” (40)

Mas a tarefa mais desumana é o trabalho na água de gelo... “Por dezoito horas os prisioneiros permaneceram emergidos até o abdômen na água e tiraram pedregulhos. Nos fomos levados a água fria mesmo de noite. Era praticamente impossível de suportar a corrente pesada.”(41)

Muitas vezes o jateamento tinha que ser feito na água também... “A água é gelada que nem gelo... os prisioneiros congelam e tremem. Os trabalhadores de choque, Kramers e Petroff, estão na água até os seus joelhos, o termômetro registra 20 abaixo de zero.” (42)

Outro problema terrível é as areias movediças jorrando do fundo... “A areia movediça de repente se quebrou em dois lugares com tanta força que lembrou fermentação de levedura. Hora após hora eles ficaram lá escavando a massa mole sem levantar suas cabeças... e ainda nem uma polegada foi ganha. Os prisioneiros estavam exaustos e ficavam lá olhando para o buraco com os olhos fitando como uma horda insana. Suor caía em gotas pesadas de seus rostos na areia... lágrimas de desespero e fúria.” (43)

Na primavera incontáveis vítimas foram clamadas pelas correntes rápidas... “O canal estava subindo com água que se erguia mais e mais alto conforme um vento quente assoprou sobre a terra. Os prisioneiros largaram as ferramentas e correram em pânico. Eles escorregam pela represa na terra... a água gelada se precipita mais e mais...”. (44)

Quase durante todo o período de construção, trabalho era conduzido de noite... “Toda a área era brilhantemente iluminada com holofotes. Aqui e lá um campo de fogo vermelho. Os prisioneiros esquentam suas mãos de vez em quando e apressadamente correm de volta para seu trabalho terrível.” (45)

Por conta de muitas noites sem dormir, um grande sonho perdura persistentemente nas mentes dos prisioneiros: o sonho de uma longa e boa dormida. “Quando este canal for completo” um prisioneiro comenta em sua voz monótona e cansada, “eu quero dormir – dois dias e duas noites sem interrupção.” (46)

A falta de qualquer equipamento técnico e a absoluta desconsideração da vida humana, resultaram em inúmeros incidentes e tantos morreram durante a construção do canal quanto tinham perecido durante a guerra mundial. (47)

A menor negligência ou falha na parte dos prisioneiros acarretava em punição severa. Uma prática comum é de confinar estes negligentes ao “isolador penal” – uma cadeia onde tratamento especialmente severo é administrado. Eles são colocados literalmente em rações de morrer de fome e torturados em toda maneira possível.

O chefe do “isolador” era o Judeu, Abraham Isaaksohn Rottenberg, muito conhecido por muitos departamentos de polícia do mundo e um criminoso muito procurado em países onde ele praticou seus crimes antes do tempo que ele se

tornou um oficial Soviético. A posição no Canal lhe deu ampla oportunidade de praticar experiências ganhas durante um longo registro criminal.” (48)

Esses negligentes, no entanto, não podiam ser mantidos constantemente no isolador pois a perda de poder físico dentre os trabalhadores teria sido grande demais. Para evitar isso, grupos especiais foram formados, os assim chamados “destacamentos sob regime intensificado” (Rotty Ussilenowo Reshima, R.U.R.) que, apesar de ainda em ração insuficiente era dado trabalho extremamente duro e mantido sob rígida vigilância.

Estes grupos eram compostos largamente daqueles prisioneiros que através de desespero e sofrimento finalmente se recusaram de se levantar de suas “pranchas” e se juntar a sua brigada – os assim chamados “otkastshiki” (recusadores B.W.) (49)

O Povo

Os habitantes dos campos compulsórios do Canal do Mar Branco consistia de membros representando praticamente todo negócio e nacionalidade da União Soviética.

Haviam clérigos, especuladores, homens de negócios, ladrões, assassinos, trabalhadores e acima de tudo camponeses e mais camponeses! Naturalmente, os piores sofrimentos eram dos membros da antiga sociedade e da intelligentsia que não era acostumada a trabalho físico duro e, portanto, sucumbia em massas.



Com grande dificuldade estas pedras são movidas com nada além das próprias mãos. Tais tarefas desumanas e horríveis condições de vida causam o povo a morrer em grandes massas.

Distinções de classe não faziam muita diferença lá no eterno Norte. Lá eles eram todos semelhantes e considerados um substituto para poder animal pelos

usurpadores estrangeiros – não, nem mesmo isso, porque os animais recebem o melhor tratamento e preservação mais essas pessoas *deviam* ser exterminadas.

O povo do sul da Rússia se encontrava em posição desesperadora. Acostumados ao sol quentes de suas estepes e desertos do sul, eles caem vítima do frio terrível... “Estas minorias nacionais inicialmente moviam-se ao redor amedrontadas e aturdidas. Tudo o que está acontecendo não tem significado ou sentido para eles – é tudo tão estranho e difícil de entender: estas pessoas que dão ordens – o Canal que eles tem que construir – a comida que é dada a eles – Oh, tudo! Eles encontram grande dificuldade em caminhar em meias altas de feltro e sapatos estranhos e desajeitadamente dão um passo a frente.” (50)

Pacientemente estes asiáticos carregam sua sorte. Eles glorificam seu Deus Altíssimo até que a morte venha para aliviar a angústia e sofrimento. “Nassyrew é um Tadshik, 42 anos de idade. Ele se senta com olhos fechados e em ritmo move seu corpo para frente e para trás. Um pão estreito de seu lábios com cicatrizes, sua testa é pequena e estreita... Agora ele fica de pé ereto e reverencialmente se curva –uma–duas–três... seu ostentoso clamor a Deus no meio do pó, pontas de cigarro, e suor.” (51)

Inacreditavelmente difícil também é para os muitos camponeses, os “Kulak”. Separados do solo, lar e família ele tem que realizar trabalho sem sentido e desumano.

“Outros transporte de colonos Alemães chega... os Kulaks foram levados ao trabalho mas eles teimosamente se recusaram a cooperar. Os machados e serras foram largadas e lá eles permaneceram na neve conforme as árvores caíam, as serras rangiam e as pessoas se apressavam em torno. Sem se mover os Kulaks permaneceram até que a escuridão se arrastou lentamente sobre a neve e campos de fogo amarelos surgiram... e então suas orações e salmos ecoaram através da escuridão que misericordiosamente envolveram tudo em volta deles...” (52)

Trágica é a experiência de um certo camponês. “... ele passou por um campo não lavrado e lembranças tristes começaram a encher sua mente. Um rebanho de gados apareceu e dentre eles um enorme boi cinza. Ele se dirigiu a ele, mugiu e carinhosamente lambeu suas mãos... o camponês em seu pranto pressionou seu rosto contra a testa do boi e começou a chorar...” (53)

O fato de que os camponeses estão alojados juntos com elementos criminosos agrava a situação a um nível insuportável. “Em alguns barracos assassinato e assassinato involuntário foram cometidos. Criminosos apostam e jogam perigosamente e muitas vezes perdem sua ração por um mês inteiro adiantadamente e para pagar suas dívidas eles roubam seus companheiros mais fracos. Falhar em pagar custou a muitos homens a vida.” (54)

Mulheres nos Campos de Trabalho

Por mais difícil e sem esperanças que muitos desses prisioneiros possam ser, o destino das prisioneiras mulheres é de uma miséria incomparável.

Fracas e frágeis como são, elas tem que realizar uma quantidade de trabalho similar a daquela realizada pelos seus coprisioneiros homens. Como essas mulheres sofrem através da humilhação de sua dignidade feminina não pode ser descrito em palavras.

“Nos primeiros dias após sua chegada essas mulheres dominam seu ‘urok’ apenas com o maior dos esforços. Uma delas passa um carrinho de mão e com uma

expressão fantasmagórica de raiva e ódio cospe em sua direção. O guarda parece bastante confuso e apenas diz: “mas minha querida... minha querida!” (55)

Uma mulher prisioneira reporta: “Eu sou tão fraca e magra que poderiam contar minhas costelas mesmo com minha pele de carneiro em volta. Nenhuma das mulheres na nossa brigada era forte. Eu comecei a empurrar o carrinho, mas as represas eram íngremes e meus músculos falhavam sob o forte esforço. Eu me sentia com vontade de me jogar no chão e chorar-chorar...” (56)

Em 18 de Fevereiro de 1933 um decreto foi liberado pela G.P.U. que dá informação adequada sobre a posição das mulheres nos campos:

Order nº 54 (em forma abreviada) da administração chefe do G.P.U. na liderança do campo de treinamento do Canal do Mar Branco, estação Medweshjagora (bear mountain, B.W.) 18 de Fevereiro de 1933:

1. Em alguns campos os alojamentos femininos são mau supervisionados – eles são mobiliados de forma inadequada e condições muito pouco sanitárias existem.

2. A maioria das unidades de trabalho femininas não tem cozinha – as rações de comida são dadas em um estado seco e não preparado, causando má nutrição.

3. Os serviços medicinais e de higiene são inadequados. As mulheres nem sempre tem tratamento de um médico quando tratamento é necessário...

4. Membros da administração do campo e mesmo prisioneiros homens não demonstram devida consideração com as mulheres. Elas são severamente e clinicamente tratadas e muitas vezes sua dignidade feminina violada.

5. Como uma consequência das instruções culturais inadequadas e insuficiente consideração das necessidades da vida – nós encontramos: roubo, alcoolismo, jogo de cartas e prostituição. (57)

O que estas afirmações oficiais muito bem formuladas do governo Soviético estão revelando, mesmo a imaginação mais vívida não seria capaz de descrever.



As prisioneiras mulheres tem que fazer trabalho similar ao de seus coprisoneiros homens. A dificuldade e humilhação de sua dignidade feminina não pode ser descrita.

“Tempestade” no “Wodoras’del” (58)

Como previamente dito o governo Soviético propositalmente se absteve de fornecer o equipamento técnico necessário para a construção do Canal do Mar Branco.

Ainda assim, fixou um tempo mínimo para completar o trabalho que, por conta das condições naturais e equipamento inadequado, poderia somente ser considerado fantástico e impossível.

Este curto tempo alocado, assim como os trabalhadores sendo incessantemente apressados, foi descrita por alguns autores sobre a Rússia Soviética como insensata e uma mera brincadeira do governo.

Mas na realidade isso não foi um jogo insensato. Os líderes da União Soviética estavam inteiramente conscientes do significado de seus planos e os terrores deste Canal serviram perfeitamente o propósito desejado, *o extermínio de todos os elementos nacionalmente e racialmente valerosos da antiga Rússia.*



O Judeu Matwej Davidsohn Berman no uniforme da G.P.U. durante uma inspeção dos campos compulsórios do Canal do Mar Branco. (Berman na direita.)

O G.P.U. havia determinado que em 1 de Maio de 1933 o canal deveria ser completado. Mas nos primeiros dias de 1933 já era um fato estabelecido de que o termo fixado não poderia ser aderido. As próprias mãos dos prisioneiros que através de doenças e má nutrição eram nada senão destroços, haviam provado serem fracas demais em sua batalha firme contra as rochas. Ainda assim, a G.P.U. era irredutível em sua decisão – o termo não seria mudado. E novamente montanhas de prisioneiros mortos cobriram o Canal...

Na primavera de 1933 o Camarada Jagoda liberou a seguinte ordem:
“Medweshja-gora.

“O desenvolvimento do trabalho de construção do canal apesar das medidas tomadas para melhoramento dos campos e construções, exigem que mais passos sejam tomados para garantir a conclusão do canal em 1 de Maio de 1933. Uma mudança desse termo não será considerada. O canal deve estar pronto em 1 de Maio.”

“Eu ordeno:

“1. A Tscheka inteira assim como os corpos administrativos e de engenharia são declarados sob lei marcial. Os destacamentos do campo devem ser substituídos por uma direção marcial sob a direção de Tschekistas particularmente rígidos. Como destacamentos auxiliares para estas direções, engenheiro serão designados que irão regular o trabalho para adquirir a velocidade necessária...”

“2. Onde quer que possível estas substituições tem que ser estabelecidas. A instalação de luz e suprimento adicional deve ser executada correspondentemente.

“3. Pessoas entregando relatórios falsos sobre o progresso do trabalho ou entrando em qualquer tipo de sabotagem serão perseguidos independentemente de posto ou posição.” (59)

Uma posição particularmente difícil se desenvolveu nos lagos de “Wadlozero” e “Matkoserö”. Entre estes dois lagos em devido curso, uma conexão deveria ser feita se o trabalho de construção fosse ser completado em 1 de Maio de 1933. A conexão era a assim chamada “Wodoras’del”.

A administração central do G.P.U. portanto, lançou a seguinte ordem:

“Para todos os chefes dos vários destacamentos, o pessoal técnico e tropas do canal!

“Por este meio uma *tempestade* de construção é declarada.

“Em Wodoras’del a batalha tem que assumir caráter de alerta. A *tempestade* começa e 7 de Janeiro e é conduzida pela administração!” (60)

Trinta mil trabalhadores compulsórios de variados campos foram transferidos para Wodoras’del. Aqui eles tiveram que ser acomodados em escavações conforme barracos e tendas seriam providas (no frio de Janeiro!). (61)



Os exilados trabalham em meio a uma confusão de pranchas. A tremenda quantidade de chão e pedras tem que ser transportadas por simples carrinhos de mão. Muitas vezes eles trabalham por 48 horas sem interrupção até cair.

Um slogan foi selecionado e adotado:

“Nós devemos transformar o frio de Janeiro em um glorioso calor de Junho!” Contra todos os “que atrasavam” uma guerra foi declarada. (62)

A *tempestade* começa em 7 de Janeiro... “agora o povo, rochas e pedregulhos não conhecem descanso.” (63)

“Os prisioneiros ficam nas águas congeladas – eles estão meio congelados. Eles trabalham de noite, o que não significa que eles durmam durante o dia.” (64)

Os trabalhadores trabalham febrilmente. Eles produzem de 150 a 160 por cento acima do padrão fixado... “Eles enraízam o chão por 48 horas sem recesso ou sono. Cansados e sonolentos eles cambaleiam até os barracos com suas cabeças girando... Eles ainda sentem a pegada dos carrinhos em suas mãos.” (65)

“Alguém entra em colapso e dorme por cinco minutos. Então água gelada é administrada – ele esfrega os olhos inchados e o trabalho continua.” (66)

Com loucura diabólica os Tshekistas levam os prisioneiros adiante e adiante – mais e mais as pessoas entram em colapso, exaustas e indiferentes. Eles não temem nem o chicote nem a bala. E então seus atormentadores recorrem a novos métodos – os nervos destas vítimas exaustas e apáticas tem que ser atacados.

O segundo dia da *tempestade* termina. É meia noite. Os prisioneiros deliram e tremem do trabalho duro e frio. Então na seção de trabalho aparece a “brigada de agitação”.



Canal Volga-Moskwa. Por trás dos muros desta fortaleza a administração Judaica do G.P.U. está acomodada.

Nos feixes gritantes dos holofotes estes brigadeiros de agitação cantam suas músicas de provocação. Através de megafones sentenças curtas e intensas saltam nas trevas e a orquestra toca marchas de incitação...

E os prisioneiros se apressam mais e mais....

Mais rápido! Mais rápido! Exige a orquestra! Mais rápido! Canta a brigada de agitação...

Por 16 horas continuamente eles cantam com vozes ásperas. Ninguém escuta e ninguém se importa em entender as músicas. (67) Mas o trabalho continua...

O Wodoras'del não comeu nem dormiu por 48 horas, os cavalos caem (68), mas os prisioneiros continuam...

Os carrascos Judeus da G.P.U. exigem mais vítimas. Reservas tem que ser trazidas. E a voz impaciente, enfurecida de Moscou ressoa:

“De acordo com a ordem Nº 1 ao chefe de administração do Canal do Mar Branco, toda a construção do canal é declarada sob lei marcial. A ‘tempestade’ deve ser observada até a conclusão do canal!”

O clima agora é miserável – chuva, neve, gelo e geada.

Os pés cravam no solo encharcado, as botas ficam pesadas e a roupa ensopada, congelando dura com crostas de gelo. Todas as mulheres das lavanderias, cozinhas e escritórios são postas para trabalhar – todos são forçados para fora. (69)

Já de 200 a 210 por cento dos padrões diários são atingidos. (70)

E ainda a *tempestade* continua. MONTANHAS DE HOMENS E MULHERES MORTOS COBREM TODA A SEÇÃO.

A construção do Canal do Mar Branco e particularmente a *tempestade* em Wodoras'del na primavera de 1933 irá em toda eternidade apresentar um dos mais macabros episódios da historia humana. Um testemunho sangrento da aniquilação Judaica – vontade e crueldade. (71)

A construção do Canal do Mar Branco é apenas um episódio dos campos compulsórios. O Canal está agora completo. Mas até o tempo presente existem muitos campos, em lugares remotos da União Soviética, que não são nada senão locais de tormento e miséria indescritível, preenchendo um período de transição em um mundo pacífico e redentor no além pra milhões de seres humanos.

Novos canais estão sendo planejados e construídos – novas áreas estão sendo desflorestadas e mesmo no concluído Canal do Mar Branco, milhares de exilados estão ainda trabalhando. (72)

A iniciativa mais conhecida deste tipo é provavelmente o Canal Volga-Moskwa. Trabalho neste projeto foi começado em 1932. Sua conclusão é esperada para 1937 (fim do Segundo Plano de Cinco Anos).



Entrada para o campo Volga-Moskwa-Canal. O campo é vigiado de perto pelos homens da G.P.U.

Após a conclusão do Canal do Mar Branco a administração deste projeto do Volga foi transferida para as mãos dos mesmos “rígidos” Tshekistas da raça Judaica que haviam provado sua habilidade no Canal do Mar Branco: Kagan, Firin, Afanasjew e outros. (73)

A iniciativa está sob proteção especial de Lazarus Mosessohn Kaganowitch, sogro e mão direita do ditador Joseph Stalin.

Com a construção deste canal outra oportunidade se oferece para transferir “indesejáveis” para o outro mundo, conforme enormes quantidades de solo terão que ser deslocadas. (74)

É muitas vezes argumentado que a União Soviética está em um processo de evolução e que os campos compulsórios irão desaparecer cada vez mais. Esta crença é injustificada e errônea.

Contrário a isso, em todo lugar na imensa União Soviética novos campos estão sendo erguidos. A “União para a construção de estradas”, por exemplo, foi dissolvida em 23 de Outubro de 1935. (75)

E em 28 de Outubro de 1935, o G.P.U.-Tsheka foi confiado com a administração de todo o projeto de autoestradas. (76)

Milhões de pessoas já pereceram no primeiro estado Marxista do mundo. E milhões terão que sacrificar suas vidas sob o domínio Judaico enquanto este sistema diabólico for permitido existir.

Bibliografia

- (1) Isvestija, 22 de Setembro de 1935.
 - (2) Publicado no "U.S.S.R. Service" Número 72 de 10 de Outubro de 1935.
 - (3) J. Rempel: "Minha fuga do Inferno Soviético". Kassel 1935-Páginas 129-131.
 - (4) A. Schwarz: "Nas Florestas Brancas de Wologdas". Altona-Elbe-Páginas 165-166.
 - (5) É estimado pelo "Study of German Homecomers from U.S.S.R.", Berlin, que o número de exilados no presente é pelo menos de seis milhões. Portanto cerca de 200 mil são de descendência alemã.
 - (6) Códigos de Leis, U.S.S.R. 1932. I. No. 62.
 - (7) Códigos de Leis da R.S.F.S.R. 1931. I. No. 9.
 - (8) Reporte da "União de Russos-Alemães," 1935, Tópico 4.
 - (9) "Bedliner Boersenzeitung" 29 de Maio de 1935.
 - (10) "U.S.S.R.-Service," Berlin, No. 70 de 15 de Outubro de 1935.
 - (11) "U.S.S.R.-Service," Berlin, No. 71 de 15 de Outubro de 1935.
- Também: "East Carelia" impresso por "Academia Carelia League", Helsinki 1934.
- (12) "Stalin White Sea Canal", Moscou 1934, Página 78 (Russo).
 - (13) "Isvestija" ("Official Organ of the U.S.S.R." 28 de Dezembro de 1932.)
 - (14) Reporte da Comissão Pro-Deo Alemã, Berlin, Outubro de 1935.
 - (15) Compilação de decretos da R.S.F.S.R., 1931, I No. 9.
 - (16) "Pravda" de 4 de Outubro de 1935
 - (17) "U.S.S.R.-Service," Berlin, No. 71 de 18 de Outubro de 1935.
 - (18) "S.W.C." Moscou 1934, Páginas 405.
 - (19) "Isvestija" de 22 de Setembro de 1935.
 - (20) Estas cartas não podem ser traduzidas perfeitamente porque elas são escritas por pessoas sim simples, sem educação que desconsideram as regras da gramática. B.W.
 - (21) "S.W.C." Moscou 1934. Capítulo 6.
 - (22) S.W.C. Moscou 1934. Página 265.
 - (23) "S.W.C." Página 209.
 - (24) "S.W.C."-Moscou 1934 Página 401.
 - (25) Decreto STO, Página 82.
 - (26) STO. Páginas 12 e 50.
 - (27) "Pravda" 18 de Dezembro de 1927.
 - (28) Decreto Z.I.K. 4 de Agosto de 1933.
 - (29) S.W.C. Página 92.
 - (30) S.W.C. Página 95.
 - (31) S.W.C. Página 102.
 - (32) S.W.C. Página 122.
 - (33) S.W.C. Página 132.
 - (34) S.W.C. Página 242.
 - (35) S.W.C. Página 303.
 - (36) S.W.C. Página 96.
 - (37) S.W.C. Páginas 281, 285.
 - (38) S.W.C. Página 97.
 - (39) S.W.C. Página 97.
 - (40) S.W.C. Página 112.

- (41) S.W.C. Página 179.
- (42) S.W.C. Página 279.
- (43) S.W.C. Página 289.
- (44) S.W.C. Página 307.
- (45) S.W.C. Páginas 27, 167, 214, 283.
- (46) S.W.C. Página 198.
- (47) S.W.C. Página 274.
- (48) S.W.C. Páginas 324 e 337.
- (49) S.W.C. Páginas 170 e 301.
- (50) S.W.C. Página 257.
- (51) S.W.C. Página 93.
- (52) S.W.C. Página 165.
- (53) S.W.C. Página 180.
- (54) S.W.C. Página 171.
- (55) S.W.C. Página 91.
- (56) S.W.C. Página 272.
- (57) S.W.C. Página 253.
- (58) (Wodoras'del-um ponto onde o rio se ramifica. B.W.)
- (59) S.W.C. Página 265.
- (60) S.W.C. Página 269.
- (61) S.W.C. Página 272.
- (62) S.W.C. Página 273.
- (63) S.W.C. Página 274.
- (64) S.W.C. Página 280.
- (65) S.W.C. Página 284.
- (66) S.W.C. Página 292.
- (67) S.W.C. Página 284.
- (68) S.W.C. Página 284.
- (69) S.W.C. Página 284.
- (70) S.W.C. Página 285.

(71) Eu devo destacar novamente que na construção do canal exclusivamente material Soviético foi usado e a descrição, portanto, é senão uma morna reflexão das condições atuais nos campos e a vida dos trabalhadores compulsórios.

- (72) "Isvestija" 12 de Outubro de 1935.
- (73) "Pravda" 2 de Agosto de 1935.
- (74) "Isvestija" 9 de Setembro de 1935.
- (75) Compilação de decretos, U.S.S.R. 1935 I. No. 56.
- (76) Compilação de decretos, U.S.S.R. 1935 I. No. 56.